

PARTE II

A TRANSVERSALIDADE DO GÊNERO

II.2 - A CLASSE OPERÁRIA TEM DOIS SEXOS. PROCESSOS DE TRABALHO, RELAÇÕES DE TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

NADYA ARAUJO GUIMARÃES

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 18.09.2017 (AULA 7)

ROTEIRO

1. Retomando o nosso fio: os elos (cuja tessitura procuramos acompanhar) são aqueles que se estabelecem entre gênero e **trabalho ... por quais caminhos se teceram?** Entre a política e a academia (os movimentos e o movimento das ideias)
2. Uma segunda geração de estudos, encarnada em uma nova “persona” intelectual - Elisabeth de Souza-Lobo: um **novo estilo** de análise (as abordagens marxistas do processo de trabalho e da formação de classe), tomada sob o influxo de uma **nova agenda** (feminista), e expressa/tecida em **novos espaços institucionais** (as redes institucionais de pesquisadoras e de militantes feministas)
3. **A matriz de interlocução** assentada no feminismo (marxista): se as relações de classe são sexuadas, há que se buscar desvendar “o sexo do trabalho”, capturando a transversalidade das relações de gênero e unindo produção e reprodução

I. RETOMANDO O NOSSO FIO

Tecendo os elos entre gênero e trabalho

I. RETOMANDO O NOSSO FIO: TECENDO OS ELOS ENTRE GÊNERO E TRABALHO (I)

- **No plano político supranacional:**
 - a emergência do movimento feminista
 - a crítica ao “socialismo real” : ... e os partidos comunistas perdem o monopólio do pensamento marxista
 - => novas vertentes no pensamento de esquerda e novas formas de disputa (política e intelectual) ao redor da crítica ao capitalismo
- **No plano acadêmico internacional:**
 - ...e a teoria revolucionária adentra a academia: a importância do marxismo no debate intelectual internacional
 - pensar “em referência (ou em oposição) a Marx” (cf. Hirata e Kergoat)
 - duas “releituras” seminais de Marx:
 - o “*lire Marx en philosophe*” dos althusserianos e o salto a uma teoria do estado e do poder político sob o capitalismo pós-Marx (N.Poulantzas)
 - a transição ao socialismo e a temática da construção da hegemonia: pensando ao modo dos gramscianos
 - desafiando categorias-chave e pensando heterodoxamente: os “anos gloriosos” do pensamento europeu e sua influência na academia latino-americana
 - as noções de “classes” e “exploração” passam a estar sob escrutínio intelectual [lembrar quão importante isso se torna para o fio do nosso argumento, posto que “relações de trabalho” definem-se, nesse paradigma teórico - e nesse momento, como relações de exploração de classe]
 - ... e se a superestrutura se tornar uma dimensão básica na análise? a valorização da cultura, do imaginário, da produção simbólica e do modo de vida cotidiano para o entendimento do processo de formação de classe (o economicismo posto em quarentena)

RETOMANDO O NOSSO FIO: TECENDO OS ELOS ENTRE GÊNERO E TRABALHO (II)

- **A ciência social recém-institucionalizada nos 50-60 puxa (e tropeça? n')o tapete do debate sobre o Brasil:**
 - Afinal, quem somos nós? A natureza da estrutura social e da sua transformação (Werneck Sodré, Caio Prado, Florestan Fernandes, Luiz Pereira)
 - Afinal, temos uma burguesia nacional? (Luciano Martins, Fernando Henrique Cardoso)
 - Afinal, quando teremos um operariado? (Juarez R. Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues)
- **O autoritarismo dos anos 60's como objeto a tematizar:**
 - em seus elos com a formação da burguesia brasileira e do estado (F. H. Cardoso, L. Bresser-Pereira, a burguesia dependente, a tecnoburocracia e os anéis burocráticos)
 - em seus elos com a natureza da acumulação (R.M. Marini: subdesenvolvimento e super-exploração, o autoritarismo como pavimento político para o novo modelo + F. Oliveira e a crítica à razão dualista: a funcionalidade das formas não-especificamente capitalistas)
 - em seus elos com o debate sobre potencial disruptivo do operariado: marginalidade e novos atores (J. L. Nun, A. Quijano e os limites da noção de exército industrial de reserva sob o capitalismo dependente latino-americano e as formas monopólicas do capital + L. Kowarick, L.A. Machado da Silva, L. Valladares, R. Cardoso e as novas formas de sociabilidade, sob regimes de espoliação urbana)
 - **A riqueza do debate contrasta com o seu silêncio ensurdecido com respeito ao tema das diferenças e hierarquias de gênero no trabalho. Correndo em paralelo, então (e como vimos antes), o voo solo de Heleieth Saffioti**

RETOMANDO O NOSSO FIO: TECENDO OS ELOS ENTRE GÊNERO E TRABALHO (III)

- **Entre a política e a academia: os movimentos sociais e o movimento das ideias nos 70's e 80's**
 - Cena I: as ondas de exílios e a (perversa) circulação das ideias – descobrindo a América Latina (no alvorecer do golpe 1964-65) e, em seguida, a Europa (no endurecimento político que toma conta do Cone Sul na segunda metade dos 60's)
 - Cena II: as intelectuais brasileiras e a fertilização, no exílio, pelo debate do feminismo europeu – as múltiplas militâncias (superpostas, coextensivas, para parafrasear Kergoat e Hirata), visíveis em biografias-tipo como as de Bete Lobo (vide bibliografia) e Helena Hirata (cf. Serie “Gênero, trabalho e feminismos”, Guimarães e Hirata, orgs., Cebrap, 2016 @ YouTube)
 - Cena III: “... quando novos personagens entram em cena” – a emergência do “novo sindicalismo” no final dos 1970 desafia a literatura a tematizar suas novas formas de organização (F. Weffort) e seus novos espaços de sociabilidades (E. Sader), ficando evidentes os elos entre a vida fabril e a vida extra-fabril, centrais às novas formas de construção de identidades de classe (i.e.: valorizando, mas ao mesmo tempo transcendendo, a experiência do local de trabalho)
 - Cena IV: “... quando novAs personagens (sindicalistas e feministas) entram em cena” (1978: I Congresso de Trabalhadoras Metalúrgicas de S. Bernardo e Diadema), deixando a prisão política do (invisível) trabalho doméstico, dos (a-? pré-? quase-? políticos) movimentos de bairro e dos movimentos episódicos por “seus” homens/companheiros (em todas as ditaduras, de Vargas a Médici) + mas igualmente ultrapassando o papel de gestoras de “estratégias de sobrevivência” em famílias pobres (ou os números da sociodemografia e os agregados das desigualdades de sexo) => a politização da experiência extratrabalho torna visíveis as hierarquias (sempre existentes) existentes nos processos de trabalho, nas qualificações, nos direitos – agora desnudadas sob a ótica das relações sociais de gênero

UMA SEGUNDA GERAÇÃO DE ESTUDOS

Uma nova “persona” intelectual (Elisabeth Souza-Lobo) e
uma nova matriz de interlocução

O SOLO COMUM DOS ESTUDOS DO PROCESSO DE TRABALHO E FORMAÇÃO DE CLASSE

- A centralidade do “âmbito recôndito da produção” postulada por Marx
- A releitura de Braverman (1974): o processo de trabalho sob o capitalismo monopolista
 - e a gestão científica do trabalho: tempos e movimentos
 - a nova forma da divisão do trabalho: formas de hierarquia e de controle
 - a temática da qualificação revalorizada: a desqualificação do trabalho via fragmentação de tarefas, e a polarização das qualificações via concentração dos saberes nas gerencias e postos de mando
- Os estudos franceses sobre a divisão social do trabalho e o taylorismo fordismo: Michel Freyssenet (1977, *La division capitaliste du travail*) e Benjamin Coriat (1979, *l'Atelier et le chronomètre*)
- Os estudos ingleses sobre as relações sociais de trabalho: na sociologia, a tradição das análises do processo de trabalho (J. Humphrey, P. Edwards, C. Littler) e, na história, a linhagem dos estudos de formação da classe trabalhadora (E.P. Thompson)

A REINTERPRETAÇÃO DO FEMINISMO MARXISTA NORTE-AMERICANO: APROPRIANDO RUTH MILKMAN

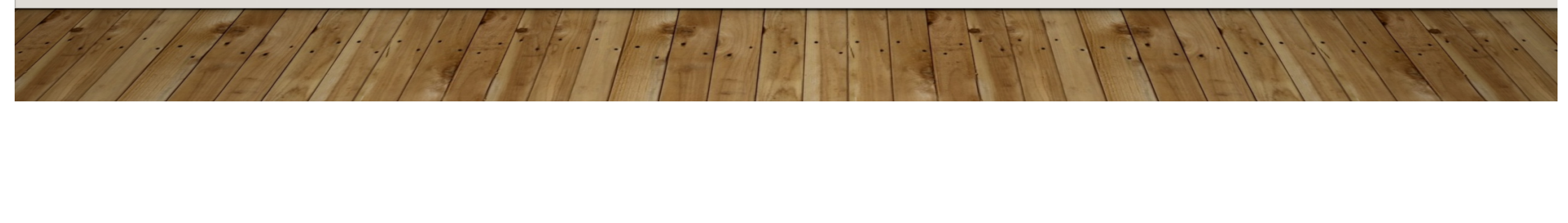
- A pervasividade e inércia da divisão sexual do trabalho
 - conduzem à necessidade de produzir uma reconstituição (histórica) do **seu movimento específico** em diferentes segmentos da atividade produtiva, em distintos espaços de trabalho: a importância metodológica dos estudos de processos de trabalho e das políticas de gestão
 - identificando **fatores que levaram a cristalizá-la** e, assim fazendo, definindo mercados de trabalho específicos a cada um deles
 - mapeando **discursos de adequação do “masculino” e do “feminino”** e verificando a sua eficácia prática (como discursos configuram práticas **e o fazem de modo diverso** em distintos setores)
- Inspiração assumida: Milkman, 1982 ,“Female factory labour and industrial structure control and conflict over ‘women’s place’ in auto and electrical manufacturing”, in *Politics and Society*

QUALIDADES E QUALIFICAÇÕES: HIERARQUIAS, PODER E DESIGUALDADES NOS ESTUDOS DE CASO

- Mas, tais discursos são **construções sociais e simbólicas** que recriam, no âmbito do trabalho, uma **subordinação existente em outras esferas** do social, numa sorte de “divisão sexual da sociedade” (Souza-Lobo, 2011: pg. 67), “trazendo embutida a hierarquia social entre os dois gêneros” (id., ibd.), **donde relação de trabalho é sexuada porque é social**
- **Divisão sexual do trabalho, por isso mesmo, não é uma mera divisão técnica:** logo, desafio analítico está em desvendar **os critérios que atribuem qualificações** segundo atributos das tarefas **mas também segundo os atributos daquele/as que as executam**
- **“Sexualidade das funções passa por complexo mecanismo cultural [...] por relações hierárquicas e de qualidade distintas entre sexos, representações sobre responsabilidade e adequação que, por sua vez, remetem a relações de poder fundadas no saber técnico...”** (Souza-Lobo, 2011: p. 65, grifos meus)
- **... mas a divisão sexual do trabalho é, a um só tempo, estratégia de gestão E de resistência** : dito nos termos de Kergoat, 1978: (i) atores sociais não são redutíveis à estrutura; (ii) e mesmo se mecanismos de exploração copiam, utilizam e multiplicam os mecanismos de dominação, nem se pode reduzir à noção de “super-exploração” para tratar a sujeição feminina, visto transcender a mera diferença quantitativa, e nem se deve entendê-la como fatal assujeitamento

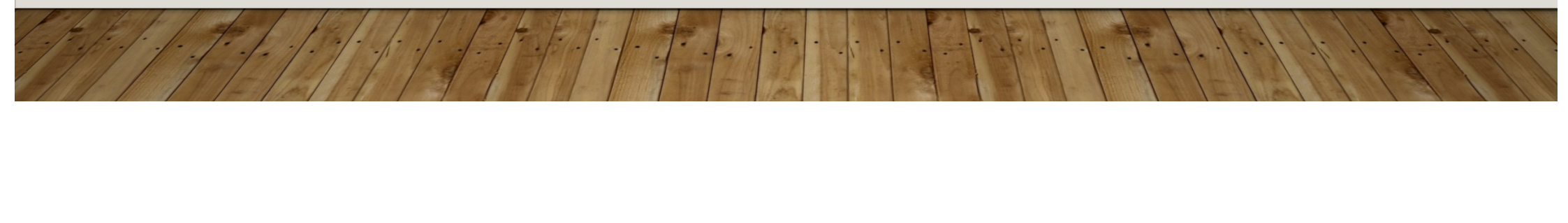
INTERPELANDO A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS SOBRE O TRABALHO NO BRASIL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE GÊNERO

- Emergência do “novo movimento operário” a partir de 1978 criou as condições para problematizar o processo de trabalho como cristalização de relações sociais, chamando atenção para formas de resistência no interior das fábricas, que remetem ao valor heurístico de pensar tal problemática a partir da noção de **experiência**, privilegiando assim o que Bete Lobo denominava como **”a cultura politica” – conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios às classes subalternas - tecida a partir do cotidiano de trabalho, de maneira a entender as formas de resistência que ali surgem**
- Experiência, como recurso explicativo, faz a crítica (i) das análises que privilegiavam as determinações estruturais da origem social, (ii) do economicismo que acenava para a hipótese de uma “aristocracia operária” no pós-Milagre
- O desafio de entender os “momentos opacos do cotidiano” (muito mais complexos, pela opacidade, que, por exemplo, as greves “psicodramas em que se liberam as pulsões reprimidas”)
- Privilégio às **dimensões analíticas** que revelam como os indivíduos pensam sua vida: **modo de vida, práticas de trabalho, matrizes discursivas**



LUIZA, NAIR E BELISA: “DESTINOS DE GÊNERO”? EXPLORANDO O ENTRECRUZE ENTRE **TRAJETÓRIAS** (EXPERIÊNCIAS) **E REPRESENTAÇÕES**

- Importância de **resgatar experiências** para a análise do modo (diversos, nunca lineares ou unidirecionados) pelos quais se combinam os mecanismos de exploração e opressão
- “Experiência”, nos termos de E. P. Thompson, enquanto *“resposta mental e emocional seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições de um mesmo tipo de acontecimento”* (apud Souza-Lobo, 2011: 81, grifos meus).
- E por que recorrer a esta ferramenta? (i) para articular trajetórias e representações; (ii) para romper a dicotomia entre objetividade e subjetividade; (iii) de modo a bem capturar a “experiência da dominação”. Categoria “experiência” lhe permite entender a representação nativa sobre um “destino”, analiticamente associável ao gênero e que se entrecruza com o trabalho.
- Divisão do trabalho é relação de submissão-resistência, exemplarmente capturada em sua forma específica de expressão em uma dada situação, sob uma específica relação social de trabalho (ver passagem primorosa em Souza-Lobo, 2011, pp 84-85)



A VIVÊNCIA DO TRABALHO: DIMENSÕES CRUCIAIS NUM OLHAR DE GÊNERO

- A qualificação profissional:
 - o desafio da relação qualificação-trajetória profissional
 - qualificação como dependente da excepcionalidade: a problemática das “mulheres excepcionais”
- A relação com a tarefa: interesse, valorização, prazer em seus elos com a atividade (mulheres) e com a organização do trabalho (os homens)
- Formas sexuadas da submissão e heterogeneidade na revolta (o desafio da rebeldia na conjuntura autoritária):
 - trabalho como instrumento de sobrevivência física (meio de sobrevivência) mas também como sobrevivência social (meio de reconhecimento, construção identitária)
 - na experiência feminina: se é a maternidade, e não o trabalho assalariado, o predicado que as faz humanas, é o trabalho que rompe o insulamento doméstico, a privatização; mesmo se a descontinuidade nas carreiras laborais está sempre no horizonte (visto casamento e maternidade). Destaque à clivagem geracional
 - contradições expressas na agenda de 1978 (I Congresso Metalúrgicas): trabalho noturno, qualificação, equidade salarial, creche, licença maternidade, violência sexual no trabalho, discriminação no mercado e na gestão. Uma agenda de “trabalho humano decente” (sic! Souza-Lobo, 2011: p. 107) com práticas reivindicativas que se chocam com modelos tradicionais de análise

A “FALSA CONSCIÊNCIA”: OU, COMO PENSAR OS DESAFIOS À AÇÃO DE CLASSE ENTRE AS MULHERES

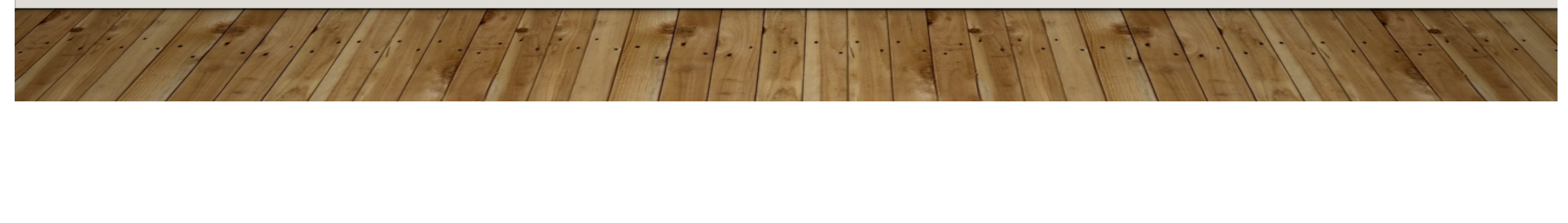
- A dupla jornada
- A desvalorização social das funções exercidas pelas mulheres dentro da fábrica (sic)
- A opinião de que são os homens, e não as mulheres, os principais atores sociopolíticos
- A exigência de que as mulheres procriem e criem filhos

... PARA INTERPELAR A NOÇÃO DE CLASSE, RETOMANDO THOMPSON

- A força da influência da historiografia social do trabalho e do pensamento de E.P. Thompson
- Para Souza-Lobo, com Thompson, a classe é:
 - um fenômeno histórico
 - um produto das relações humanas, não sendo estrutura ou categoria
 - no curso dessas relações, os indivíduos formulam interesses comuns, entre si e em oposição a outros (que lhes são distintos, e por vezes contraditórios)
 - a experiência de classe é apenas em parte determinada por relações sociais tecidas na produção
 - a consciência de classe é a forma como experiências são traduzidas em termos culturais e se corporificam em tradições, valores, ideias e instituições
- (Para fechar, e entre parênteses: valeria lembrar o quadro teórico do “pensamento pioneiro” a respeito da noção de classe, e assim entender como e porque H. Saffioti valoriza o pensamento de Souza-Lobo na sua homenagem póstuma)

AINDA PARA FECHAR... A OUTRA INSPIRAÇÃO DE SOUZA-LOBO, A DA POSTULAÇÃO DA TRANSVERSALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO: ESTAMOS OUTRA VEZ NA ANTESSALA DO DEBATE SOBRE A INTERSECCIONALIDADE?

- Relações de classe (relações de exploração) e de sexo (relações de opressão) organizam a totalidade das práticas sociais (Hirata e Kergoat: p. 96), sendo transversais para toda a sociedade: são “**relações estruturantes**” (p. 94), por diferença de outras, que seriam “**relações contingentes**”
 - [Mas, veja-se que, na mesma pg 96, também se sugere que: “segundo os lugares e momentos da vida, segundo as oportunidades políticas, luta-se **primeiro** como mulher, ou como negra, ou como proletária”(grifos meus)...]
 - Sentem-se, aqui, as marcas de debates importantes de época: “contradição principal e contradições secundárias” / “contradição e sobredeterminação” [ou, dito de outro modo: como pensar uma ordem estrutural?]
- Disso resulta uma forma de pensar a articulação entre relações de classe e relações sociais de sexo, assentada na ideia de **coextensividade**:
 - A classe operária é sexuada: as relações de sexo fornecem conteúdos específicos às relações de classe
 - As relações de sexo são classistas: são atravessadas por pontos de vista de classe, encontram na condição de classe conteúdos e orientações
- Como gênero e classe divergem e convergem, a depender de momentos/sociedades, a identidade (“consciência”) de classe não pode ser deduzida apenas, e mecanicamente, do lugar na produção (p. 98)



E AGORA, SIM, FECHANDO... DESDOBRAMENTOS IMEDIATOS

- Alice Abreu (1994): As novas tecnologias de produção e de organização industrial, a então chamada “especialização flexível” e o tema da divisão sexual do trabalho
 - as exigências de um novo paradigma de produção
 - da desqualificação à polarização e à requalificação dos operadores
 - segmentação do mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho
 - novas tecnologias, gênero e qualificação
 - flexibilidade vs precarização
- Em suma, “fronteiras mudam, mas divisão sexual do trabalho persiste”... mas – e o desafio atual de Souza-Lobo (à luz de Milkman) : persiste sob que formas?
- **A importância das formas**, do contexto onde se tecem as experiências - únicas - para conformar trajetos e representações sobre os mesmos, e, assim fazendo, formar de agir sobre os mesmos